

**DANIELA AFONSO CARDOSO (8098718)**  
**Licenciatura em Artes Visuais**

**Representatividade feminina na Arte:  
E a abordagem na educação.**

**Tutor:** Halima Alves de Lima Elusta

Claretiano - Centro Universitário

**Juiz de Fora**  
**2021**

Daniela Afonso Cardoso

**Representatividade feminina na Arte:  
E a abordagem na educação.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Centro Universitário - Claretiano como  
Requisito parcial para obtenção do título  
De Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora:

Halima Alves de Lima Elusta

Juiz de fora, 2021.

## Agradecimentos:

A Deus por ter me dado forças para superar as dificuldades.

Ao Centro Universitário Claretiano, e ao corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro em um horizonte superior, na confiança no mérito e ético aqui presentes.

A minha orientadora Halima Alves de Lima Elusta, pelo suporte, suas correções, orientações e incentivos.

A minha mãe que sempre me incentivou e apoiou ao longo desse trajeto.

Agradeço a todos os professores que passaram em minha vida escolar e acadêmica até esse momento e que me proporcionaram o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

**RESUMO**

O presente tema escolhido pretende analisar a representatividade feminina na arte e sua abordagem na educação com seus desdobramentos nas relações ao longo dos anos e na atuação dentro dos movimentos relacionados a história da arte e os desafios da presença das mulheres como protagonistas, e suas influências deixadas para a arte/educação. Deseja-se observar as convergências e divergências entre as práticas artísticas, educativas e curatoriais em relação à algumas questões emergentes no atual contexto brasileiro da educação ocupado por mulheres artistas e suas obras, e as relações sociais dentro do ensino-aprendizagem.

**PALAVRA-CHAVE**

**Mulheres, feminino, arte, educação, ensino.**

**ABSTRACT**

The chosen theme intends to analyze the feminine representativeness in art and its approach in education with its consequences in the relationships over the years and in the performance within the movements related to the history of art and the challenges of the presence of women as protagonists, and their influences left for art / education. We want to observe the convergences and divergences between artistic, educational and curatorial practices in relation to some issues emerging in the current Brazilian context of education occupied by women artists and their works, and the social relations within teaching learning.

**KEYWORD**

Women, female, art, education, teaching.

## Introdução

Esse trabalho objetiva realizar uma reflexão sobre a importância da representatividade feminina na Arte e atuação na educação, onde no decorrer da história, a figura feminina foi repetidamente objeto de representação, sendo ela como elemento de fertilidade, maternidade, sexualidade e até mesmo fragilidade, que sustentava a ideia da desigualdade entre os sexos e a correlação entre atributos biológicos e papéis sociais, redirecionando-as ao contexto de submissão em determinadas épocas. As mulheres sempre tiveram pouca representatividade em todos os campos de atuação, na arte e no mundo acadêmico não é diferente, podemos destacar nas artes Tarsila do Amaral (1886-1973), Anita Garibaldi (1821-1849), Cecília Meireles (1901-1964), Clarice Lispector (1920-1977), mas infelizmente esta lista não é muito grande, por uma razão cultural nós não tivemos incentivos para podermos crescer profissionalmente.

Redirecionando o estudo na arte/educação, por exemplo, pode ser identificada como um dos principais temas retratados desses elementos citados em pinturas, como a Mona Lisa de Leonardo da Vinci no século XVI, a Vênus de Botticelli no século XV, a figura que reproduz a liberdade na simbólica tela de Delacroix no século XIX ou até a La Maja Desnuda de Goya no século XVIII, entre tantas outras representações femininas presentes no decorrer dos movimentos artísticos, levadas para a educação em ilustrações nos livros como grandes mulheres criadas pelas mãos de grandes gênios masculinos, surge a pergunta: “A mulher na arte só é mundialmente reconhecida quando retratada por artistas homens?”. Embora, que cada uma dessas pinturas tenham sido produzidas para diferentes reações e relações com os públicos e seus contextos históricos de cada movimento da história da arte, todas mencionadas, assim como a maioria das representações da figura feminina na história da arte até o século XX, foram realizadas por artistas homens e destinadas à avaliação e apreciação masculina. Portanto, a arte dita como universal não poderia ser mais correspondente às perspectivas masculinas, brancas e ocidentais e que trazem, conseqüentemente, efeitos sobre os modos de pensar, ver e viver as noções de raça, sexualidade e gênero, por vezes se sobrepondo, essas imagens sempre espelharam o papel da mulher em nossa sociedade tal como ele se revelava a cada visão da nova época, então porque a mulher para ser mundialmente reconhecida como artista, se dá apenas pelo caminho educacional de inúmeras pesquisas ao qual o aluno deve se redirecionar, ao invés de estarem presentes com bastante frequência nos livros didáticos assim como as grandes pinturas de sua representatividade feita

pelos homens? Tais efeitos podem ser identificados na arte, que atribuiu à produção de artistas homens uma neutralidade estética, como se pairassem acima do gênero, e ao conjunto heterogêneo da produção das mulheres uma especificidade como arte feminina, e como as instituições no decorrer abrangem os olhares para artistas femininas, onde tais efeitos podem ser identificados na arte, que atribuiu à produção de artistas homens uma neutralidade estética, como se pairassem acima do gênero, e ao conjunto heterogêneo da produção das mulheres uma especificidade como arte feminina.

O objetivo de análise dos dados possibilita a investigação sobre o papel representativo do feminino nos diferentes movimentos da arte e o espaço geralmente ocupado pela mulher no contexto artístico como protagonista e na ocupação da mesma como representação do estudo presente na arte educação ao longo da história, na qual a interpretação acontece com excedente frequência, portanto, na ambiguidade entre presença e ausência feminina, onde existem em vários Museus e Centros Culturais pinturas femininas espalhadas pelo mundo, contudo, existem poucas mulheres artistas ocupando os mesmos lugares dos homens, e assinando essas e outras obras. Outro objetivo presente é demonstrar e identificar, como no decorrer das décadas, as instituições e a educação voltadas para as grandes demonstrações de arte são redirecionadas aos homens, e como esses valores agregaram para que não houvesse grandes mulheres artistas mundialmente reconhecidas igualmente aos grandes gênios, considerando, ao longo do trajeto, que o processo de educação feminina foi pensado a partir do ponto de vista masculino, e poucas foram às constatações de sua presença registradas na história da arte.

A metodologia utilizada nessa monografia é uma revisão bibliográfica levando em consideração as referências presentes, no artigo publicado em 1971 na revista *ArtNews* intitulado “Porque não houve grandes mulheres artistas?” pela Historiadora da Arte Linda Nochlin (1931-2017), presença obrigatória nos textos que discutem a participação feminina na arte, também como referência desse trabalho, o livro “A criação do Patriarcado” publicado em 1986 da historiadora e professora Gerda Lerner (1920-2013), e o livro: “O mito da Beleza” publicado em 1990 da autora Naomi Wolf (1962), utilizados como base do trabalho para discussão das ideias aqui apresentadas.

## Discussão

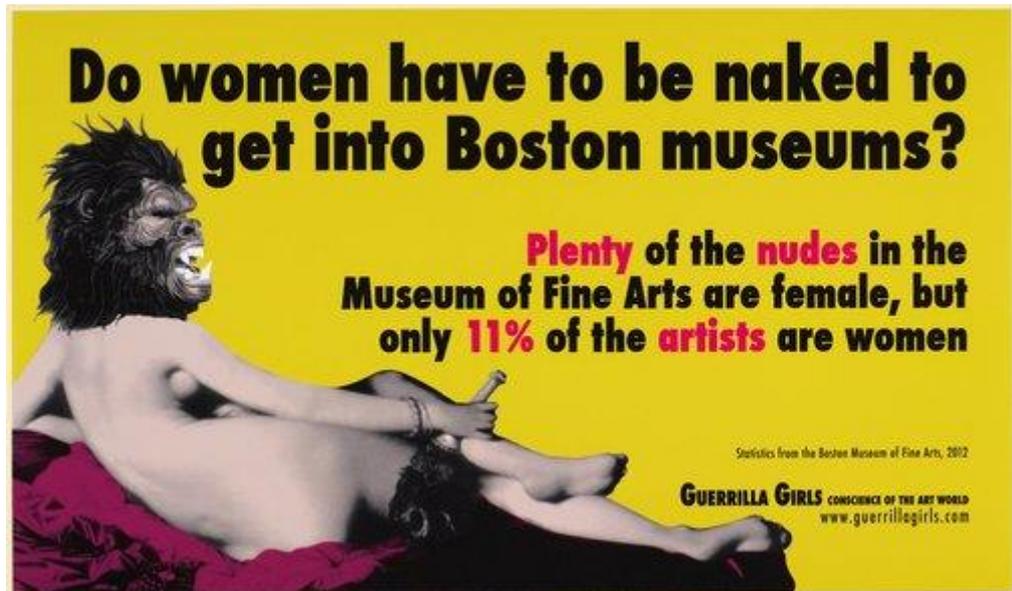
Mulheres artistas que iniciaram seus trabalhos por volta das décadas de 60 e 70 enfrentaram dificuldades e barreiras impostas pela dita arte universal, ao tentarem se ingressar e até mesmo se manter nesse ambiente sendo reconhecidas como artistas, ao invés de serem levadas as galerias de arte em belíssimas molduras assinadas por homens, abafadas atrás de espessas paredes, poses duras e esteticamente moldadas, imagens sobre mulheres através da perspectiva e do caminho do pensamento feminino delineadas pelos homens. A busca de não querer apenas ser representada em grandes pinturas, mas a de ser também reconhecida por sua arte, não sendo mais uma representação bela, frágil e até mesmo submissa, deu a possibilidade de novas narrativas criadas na arte, por e para mulheres.

Os campos da arte assim como outras áreas da sociedade foram desde os primórdios da humanidade, projetados para uma sociedade exclusivamente masculina, onde a mulher não teria seu papel de destaque se não fundamentado por lutas e conquistas ao longo dos anos, na busca por direitos, igualdade e liberdade de suas próprias escolhas e até mesmo, de seu próprio corpo. Eis que surge enfim, a pergunta: Quem são essas mulheres que encorajadas, aprofundaram-se no espaço da arte, dando voz a representatividade feminina, durante muitos anos caladas em figuras emolduradas? Assim, foram reestruturando antigos padrões e colocando seus corpos em movimento para discussões artísticas, moldando o espaço da mulher como percussora da arte, que agregam um novo olhar do que pode ser trabalhado e surpreendem ao público ao apresentar trabalhos que reescrevem o feminino sobre o olhar de uma mulher.

A competência aqui está em exprimir a possibilidade de expandir os limites e espaços conquistados pela representação feminina na história da arte com base nas pesquisas bibliográficas realizadas a fim de conduzir esse trabalho, onde se deu por meio de buscas como, a Obra de impressão digital sobre papel de 2012, de Guerrilla Girls intitulada: "Do women have to be naked to get into Boston museums?" na tradução: "As Mulheres Precisam estar Nus para Entrar nos Museus de Boston?", que chegou ao MASP- Museu de Arte de São Paulo em 2017, onde trás o questionamento evidente da realidade das mulheres no campo das artes no Brasil e no mundo. Dentro da obra ainda apresenta-se dados que levam a reflexão do incomodo dessa situação: "Apenas 6% dos artistas do acervo em exposição são mulheres, mas 60% dos nus são femininos." Constatou-se também para essa tese, que Segundo Vera Maria

Porto de Toledo Piza, 2016 (pesquisadora da Coleção do acervo do CCSP-2016) referente à ocupação da mulher nos museus como artista e não como a própria arte:

A quantidade de artistas mulheres corresponde a 424 nomes, enquanto os artistas homens somam 1.038. Essa disparidade de números é uma realidade frequente nos acervos de arte de grandes instituições do mundo: no Metropolitan Museum, em Nova Iorque, 5% das artistas na seção de arte moderna são mulheres. Esses dados revelam que a busca pela igualdade de gênero no universo das artes é ainda uma questão que está longe da superação. (2016, P.1)

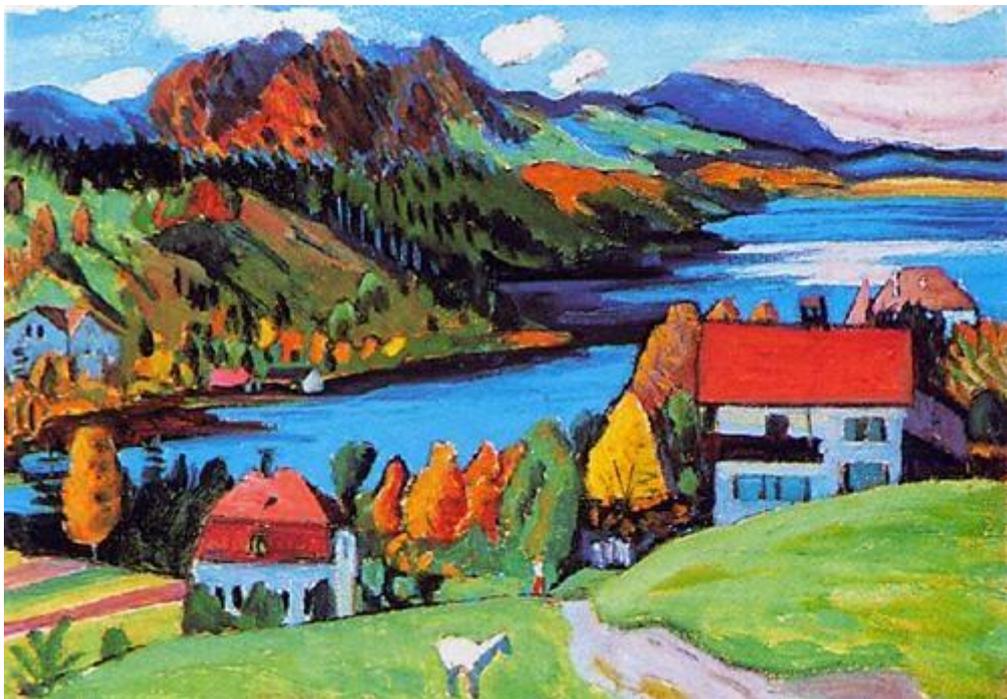


Guerrilla Girls (2012), impressão digital em papel fotográfico - 35,0 x 58,4 cm, EUA.

Para Linda Nochlin (1931-2017) mais do que colocar em questão as condições de emergência das mulheres como artistas, o ideal busca um novo modelo para a história da arte para apresentar as barreiras impostas pela sociedade que impediram as mulheres não apenas de seguir pelo caminho artístico, mas também de serem reconhecidas por esse ofício. Então eis que surge a grande pergunta no artigo publicado pela historiadora em 1971 para a revista ArtNews: "Por que não houve grandes mulheres artistas?" Segundo Nochlin em seu artigo:

A culpa não está nos astros, em nossos hormônios, nos nossos ciclos menstruais ou em nosso vazio interior, mas sim em nossas instituições e em nossa educação, entendida como tudo o que acontece no momento que entramos nesse mundo cheio de significados, símbolos, signos e sinais. Na verdade, o milagre é, dadas as esmagadoras chances contra as mulheres ou negros, que muitos destes ainda tenham conseguido alcançar absoluta excelência em territórios de prerrogativa masculina e branca como a ciência, a política e as artes (NOCHILIN, 1971, p.8 e p.9)

As mulheres foram figuras durante décadas, como modelos de magníficas obras de arte renomadas que ainda hoje chamam atenção exibidas em grandes Museus e galerias, porém pensar nela como artista na condição social em que ela se encontrava naqueles tempos, não é que não se poderia fazer menção, contudo pouco se teria a dizer sobre a mulher artista e indicações, referências essas que eram quase nulas, ou muitas até mesmo ocultadas através de grandes nomes de homens artistas, como o caso da artista Gabriele Múnter (1877-1962), pintora e amante de Kandinsky, que foi uma colaboradora artística em 1902 do pintor. Pouco se encontra sobre ela em livros didáticos, uma mulher de pinturas fortes do expressionismo, ao qual sua carreira não foi alvo de holofotes como de seu companheiro.



Gabriele Múnter - "Staffelsee in Autumn" – 1923, Art Institute of Chicago.

Poderíamos citar tantos outros nomes de mulheres artistas que também tiveram seus trabalhos pouco reconhecidos mundialmente e que não são ao menos mencionadas em livros escolares, como seria o exemplo da artista Margaret Ulbrich (1927), ao qual teve suas obras comercializadas pelo ex-marido Walter Keane, que ao reconhecer o sucesso das pinturas da artista, usava as pinturas feitas por ela assinadas com o nome dele, pois conforme o pensamento da sociedade da época, não existia espaço no mercado da arte para sucesso de pinturas feitas por mulheres. A história da artista pode ser vista com uma magnífica representação no filme: "Olhos Grandes" de 2014 do diretor Tim Burton, que retrata a passagem da vida artística de Margaret, demonstrando a insegurança da artista que se vê na tentativa de apresentar seus trabalhos em um campo da arte totalmente masculino, e sem

opções, consente a ideia do ex-marido em assinar suas telas. Onde apenas mais tardar em 1970, após sofrer vários abusos psicológicos do ex-marido até o divórcio, Margaret reivindica a autoria de seus trabalhos. Esse seria talvez, um dos muitos casos de mulheres artistas que não foram mundialmente conhecidas como um dos grandes nomes e usada como referências gloriosas em revistas, livros e até palavras cruzadas.



Margaret Ulbrich, The Reluctant Ballerina 1961- Big Eyes Paintings.

Constatamos que a participação feminina no campo artístico é tema que já ocupa décadas de estudos, tendo ganhado força principalmente em países onde o feminismo é mais forte e atuante. Para muitos críticos, a arte não é de fato um campo livre e autônomo, mas um espaço determinado por instituições, sistemas e academias de arte, patrocinadores e até alguns

mitos, que começam a ser desconstruídos. Partimos assim nesse artigo do entendimento que a “reconstrução do corpo” feminino, presente no meio social é visto como o local privilegiado da construção e desconstrução da identidade, não como um “ser”, mas como uma superfície politicamente "regulada" e um “campo de possibilidades interpretativas", o que têm sido premissas fundamentais do feminismo(s) contemporâneos, de Virgínia Woolf (1882-1941) ou de Simone de Beauvoir (1908-1986). Tal como procurarei demonstrar, que o corpo é hoje um foco central na arte feminina contemporânea, principalmente representada em manifestações feministas em um conjunto de representações, que implicam na transformação do próprio real, como exemplo a artista Juliana Notari com a escultura “Diva” (2020-2021), a obra representa uma vagina de 33 metros, esculpida no chão da Usina de Arte, localizada na Zona da Mata Sul de Pernambuco.



Juliana Notari, Diva 2020-2021- Usina de Arte – Pernambuco.

A obra de Juliana traz consigo uma representação de ferida aberta que carrega a memória de uma ação invasiva sobre seu próprio corpo, assim como sua performance em 2003-2008, com os objetos de espúculos e marretas, abrindo buracos em paredes de galerias e museus a artista trouxe uma arte voltada para o incomodo de ser penetrada por um metal frio, abrindo caminho para corporeidades de que tanto viola quanto também é violada, desde o embate com a experiência traumática do legado etnocêntrico da arte e seu machismo. A obra Diva carrega a ferocidade em um dos países com altos índices de feminicídios, transfóbia, homofobias e racismo do mundo, e ser um corpo não-macho, que reivindica o pleno direito a

outras ideias que não o ideal masculino é lidar com o trauma de um corpo historicamente violado que segue sendo cotidianamente ferido de muitas maneiras e sem depender de sua cor ou gênero, ou de distintas e assimétricas formas. Vale pensar que as representações de artistas como Juliana Notari, carregam uma visão crítica da realidade e que merecem serem lembradas em livros como ato de conquista dos espaços pela mulher artista.

Vivemos nos dias atuais, num abismo paradoxal difícil de entender: enquanto os algoritmos permeiam peitos e bundas, com muitas curtidas, aplicativos de redes sociais famosos bloqueiam pinturas como “O Nascimento de Vênus” de 1485–1486 do artista Sandro Botticelli, por mostrar seios. Apesar de artistas como Marina Abramovic (1946), Carolee Schneemann (1939-2019), e tantas outras, terem chamado à atenção para a objetificação do corpo feminino ainda nos anos 70, contudo ainda assim, décadas depois, algo relacionado ao corpo da mulher ainda parece um tabu.

Para a escritora Gerda Lerner em visão a posição feminina na sociedade, em seu livro “A criação do Patriarcado” publicado em 1990:

"São consideradas tão menores, tão inferiores, tão confinadas ao espaço doméstico, tão irrelevantes, que não mereçam ser estudadas. Um mundo em que as mulheres não são dignas de ter sua história contada. Assustador, não é? Pois vivíamos exatamente nesse mundo até poucas décadas atrás. E, se essa condição tem mudado, é graças à luta feminina." (LERNER, A criação do Patriarcado, 1990, P. 16)

A privação da educação para as mulheres, com a ideia de submissão e de uma sociedade fundamentada em pensamentos masculinos, retorna os olhares para a história no papel da mulher que nos leva ao pensamento do porque não existiu encorajamento para que elas ocupassem locais que durante décadas, permaneceram sendo exclusivamente, para frequentadores do sexo masculino. Ainda para Lerner em seu livro, vale ressaltar:

"O patriarcado mantém e sustenta a dominação masculina, baseando-se em instituições como a família, as religiões, a escola e as leis. São ideologias que nos ensinam que as mulheres são naturalmente inferiores. Foi, por exemplo, por meio do patriarcado que se estabeleceu que o trabalho doméstico deve ser exercido por mulheres e que não deve ser remunerado, sequer reconhecido como trabalho." (LERNER, A criação do Patriarcado, 1990, P. 18)

As deusas poderosas do sentido de fertilidade e do poder feminino, são destronadas e substituídas por um deus masculino dominante após o estabelecimento de um forte reinado

imperial. A emergência do monoteísmo judaico e depois judaico-cristão transformaram-se em ataques a cultos de várias deusas da fertilidade. Onde foram substituídas pelo poder da criação divina a um único Deus masculino, criador do céu e da terra, criador do homem, enquanto a mulher origina-se de uma parte da costela masculina, com a concepção de nunca ao lado do homem, mas sempre atrás do mesmo, idealizada como o motivo da expulsão do paraíso, ainda na imagem da submissão escondida na abstração do sinônimo de proteção cultivada durante séculos e que fundamentou o pensamento de que a mulher precisaria de um protetor, com a memória de inferioridade de segundo plano, até a origem bíblica do nascimento da primeira mulher a partir da costela de Adão. Essa concepção que reverbera sobre os ideais de uma sociedade conceituada no mesmo pensamento e que durante muitos anos permaneceu intacta por meio desse processo de subordinação do sentido de desvantagem feminina. A expressão de se rebelar, ao conceito de ambiente doméstico ao qual a feminilidade foi a muito construída com a mensagem de proteção a mulher, é considerado aos mais conservadores, como ato de feministas, rebeldes e mal amadas que desejam acabar com as famílias tradicionais ao qual a sociedade foi erguida. Para Ana Paula Simioni, do IEB-USP:

“Muitas das artistas bem sucedidas no mercado nem sempre desfrutam de boa colocação nos espaços museais. Ou seja, o valor de mercado nem sempre migra para uma valorização cultural ou outras instancias de legitimação da cultura. E o mercado da arte não se resume a ser artista. Há outras posições em museus e galerias que ainda não são ocupados por mulheres.” (SIMIONI, seminário organizado pelo IEA, pelo IEB e Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP, 2017).

Eis que surge a pergunta: “Porque seria importante a representatividade feminina na arte?” A mesma poderia ser substituída pela “Porque seria importante na arte a representatividade de artistas mulheres?” Poderia se avaliar o conceito histórico da humanidade ao qual a mulher sempre esteve presente, ao qual no mundo mais da metade da população é formada por elas, onde suas histórias foram camufladas por conquistas masculinas, onde para ganhar espaço a mulher precisou se reinventar e conquistar o mesmo, com protestos e até queima de sutiãs. Seria importante levar para salas de aulas não apenas artistas clássicos de grande renomes conhecidos como Leonardo da Vinci, Michelangelo, Caravaggio e entre tantos outros nomes que por séculos foram bases de estudos em escolas de artes, faculdades e até presentes nos livros didáticos da educação básica, mas também apresentar aos alunos as grandes mulheres artistas, valorizando suas artes que a muito ficaram escondidas em busca de pesquisas apenas na internet. Levar para dentro de sala, obras de

artistas como Artemísia Gentileschi (1593-1653) e demonstrar o quão grande foi também essa artista do período barroco e que assim como um dos nomes mais presentes nesse período como de Caravaggio, Artemísia trouxe grandiosas obras de arte inspiradas até em pessoas do seu entorno de convivência trazendo a dramatização para suas obras com tamanha graciosidade como dos demais mestres. Apresentar Gabriele Muntz como a inspiradora artista do expressionismo que carregou pinceladas próprias e com cores vibrantes, como as telas de Van Gogh, são inúmeras artistas a serem merecedoras da sua obra como representação de releituras, de estudos de cores e tons, de figuras estampadas em camisas, e até de estudos em debates. São artistas como elas e entre tantas outras que inspiram outras mulheres artistas contemporâneas, que lhe mostram uma visão da arte na visão de uma mulher, e que possa tornar esse espaço um pouco mais igualitário entre os gêneros, que possibilite dar visibilidade as suas artes em todo o mercado ao qual ela se apresenta, e em toda instituição de ensino seja desde o básico até o superior, derrubar esse muro imposto a muitos anos atrás do espaço ao qual a mulher ocupa na arte como representação de beleza que foi também palco para a imagem usada contra as mulheres, a representação do belo na arte que foi a muito apreciada, hoje no cenário atual do século XXI onde a estética da arte está voltada para questionamentos, seria o momento ideal para apresentação de outras formas de ensinar, aproveitando excelentes trabalhos de artistas internacionais e brasileiros que carregam um conceito crítico por traz de suas obras, para serem temas dentro das salas de aula, assim como apresentar a representatividade feminina e o papel da mulher artista na arte que inspira artistas atuais.

## **Considerações finais:**

Em conclusão, poderemos acrescentar que a natureza das intervenções feministas na arte tornou visível a necessidade de repensar os modos de representação dominantes a serem trabalhadas na educação e nas mudanças que as instituições precisam operar nas políticas e práticas curatoriais e pedagógicas de forma a melhor atender as novas demandas ético-estéticas da arte, através do questionamento teórico e do renovado estranhamento ideológico que o feminismo tem instigado do papel da mulher como protagonista e percussora do fazer artístico e como modelo de reprodução do ofício e de busca ainda maior, pelos espaços culturais, mídias e museus destinados à arte dita como universal.

Essa ideia da representatividade pode ser pensada, a partir de Platão, o pensamento do objeto que ocupa com sua presença o espaço da concepção fundamental e sublime, acontecendo na ambiguidade entre ausência e presença, onde na arte a presença feminina foi constante durante seus desdobramentos, mas pouco se viu da potencialidade da mulher artista. Conforme o caminho da história e de todas as lutas feministas que acarretaram um pouco mais de direitos as mulheres, embora ainda exija uma luta diária para a igualdade entre os gêneros, é válido compreender que cada uma dessas práticas possui seus fluxos, trânsitos, interesses, genealogias e atualizações. As práticas artísticas geram diferentes resultados nos processos da interação com o público que a consome. É importante pensar nas mudanças que as instituições precisam adotar nas práticas curatoriais, pedagógicas e políticas para melhor atender as ações ético-estético, nas relações sociais que envolvem arte e espectador.

Nas demandas da arte e educador, é importante levar a bagagem histórica e cultural, afim de apresentar aos alunos as incríveis obras criadas por mulheres, compreender que a arte embora durante séculos, tenha sido palco para os artistas homens, teve também a representação de mulheres que mesmo não ocupando com suas assinaturas grandes salões em museus ou várias paginas em livros, tiveram sua arte eternizadas por carregarem sutileza e a força de uma mulher. Vale ressaltar, que não se deve esquecer que o feminino sempre esteve na arte, mas não na intensidade da arte do olhar feminino. Conforme Flavia Leme de Almeida em *Mulheres recipientes: recortes poéticos do universo feminino nas artes Visuais*:

“Para mencionar a história das mulheres no mundo ocidental, mesmo que seja um breve recorte, não podemos deixar de considerar que boa parte dos documentos oficiais, há menos de dois séculos, foi escrita por homens. Eram os homens, na sua maioria, que tinham acesso a ler e escrever e,

consequentemente, eram eles que detinham o poder do conhecimento e da razão. (LEME, P.56-2010)”.

Lembramos que durante séculos a educação para as mulheres foi voltada para o magistério, lar e casamento, ressaltando que essa ação era movida pelo pensamento masculino, a fim de conformar às mulheres a submissão e à obediência. Nos dias atuais devemos continuar a luta pelos direitos iguais entre gêneros, direito a educação abrangente, pelos direitos ético-raciais em defesa da liberdade de expressão, direito a liberdade das mulheres sobre seus corpos, percebendo que a estética da arte hoje, está voltada para questionamentos, e é na presença de obras criadas por mulheres, que inspiram outras mulheres ao fazer artístico, para que possamos levar outras mulheres a ocupar as paredes dos grandes museus e galerias espalhadas pelo mundo, ocupar com suas obras os livros didáticos disponibilizados nas escolas públicas e privadas.

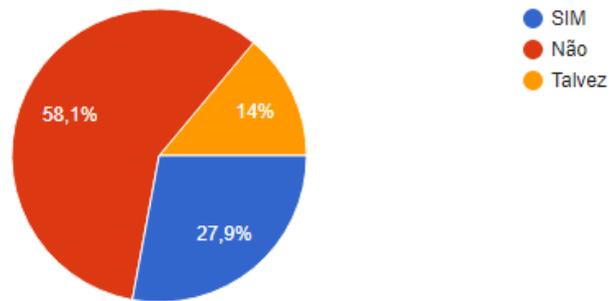
Para conclusão desse trabalho, realizei uma pesquisa com pessoas variadas que estudam Artes Visuais e pessoas que não estudam, afim de apresentar sobre a falta da representatividade de artistas mulheres presentes nos livros didáticos. A pesquisa apresentava obra de artistas como: Artemisia Gentileschi, Gabriele Munter, Sofonisba Anguissola (1532-1625) Paula Rego (1935) e Mary Cassatt (1844-1926) e Leonora Carrington (1917-2011). Em contra posição ainda na pesquisa, a ultima obra apresentada foi a Mona Lisa ( La Gioconda – 1503 – 1506) famosa obra do pintor renascentista Leonardo da Vinci (1452 - 1519), e o resultado da pesquisa foi desigual as respostas perante as artistas mulheres e suas obras e a obra da mulher representada pelo artista Leonardo da Vinci.

Como os gráficos abaixo, que representam o resultado dessa pesquisa onde 43 pessoas participaram respondendo as perguntas relacionadas ao conhecimento delas sobre a representatividade das mulheres como artistas, presentes nos livros didáticos durante o período da educação básica dos entrevistados.

Conferiram-se os resultados abaixo:

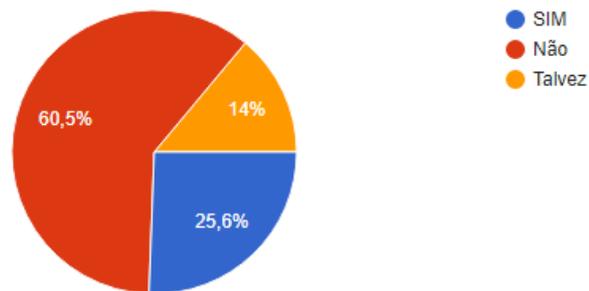
Você conhece muitas mulheres artistas?

43 respostas



Você conheceu durante seu período na educação básica dos livros didáticos, nomes de grandes mulheres artistas?

43 respostas



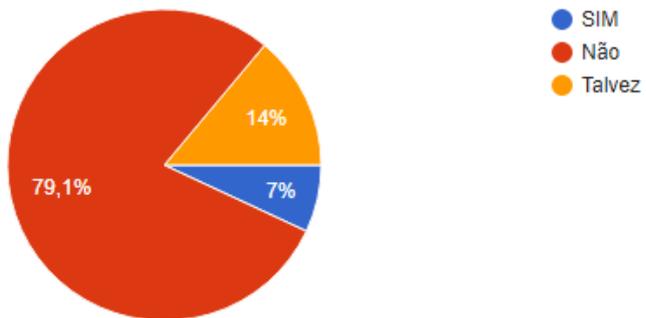
A seguir as obras apresentadas na pesquisa e suas artistas:

- Obra 1: Judite decapitando Holofernes - (1614 - 1620) da artista Artemisia Gentileschi:

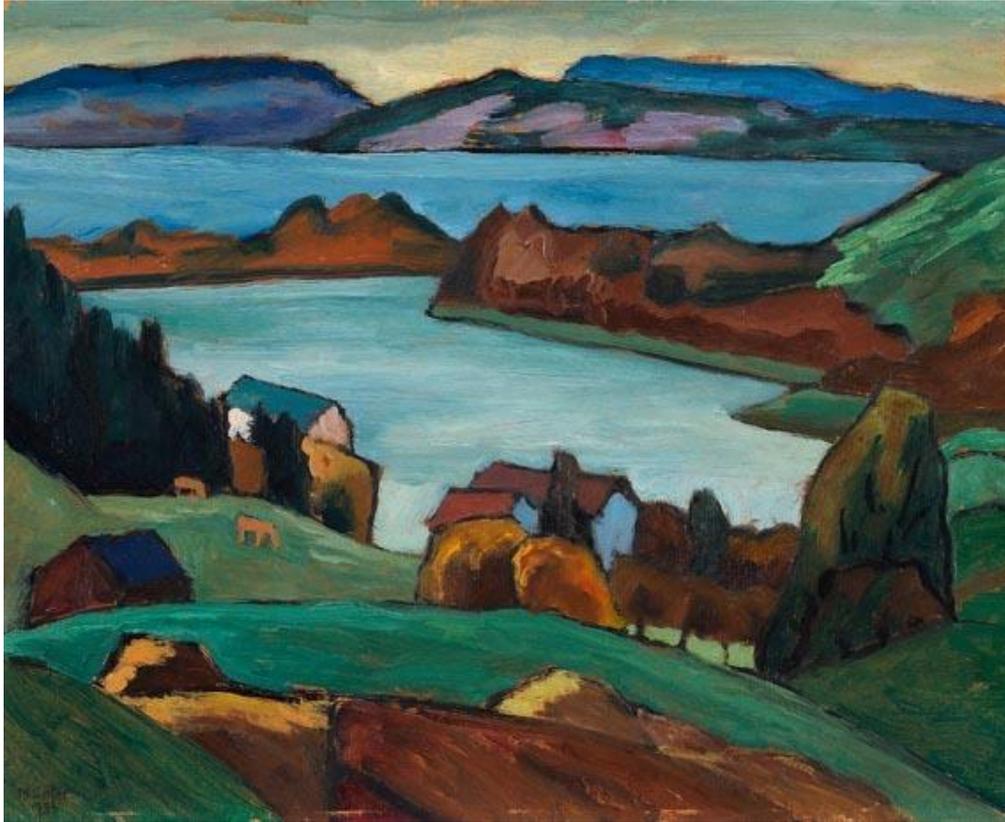


Você conhece a artista por trás dessa obra?

43 respostas

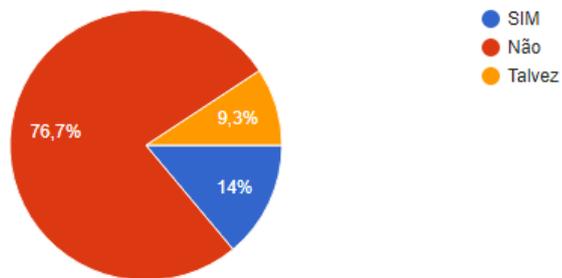


Obra 2: Staffelsee (1934) da artista Gabriele Muntser:



Você conhece a artista por trás dessa obra?

43 respostas

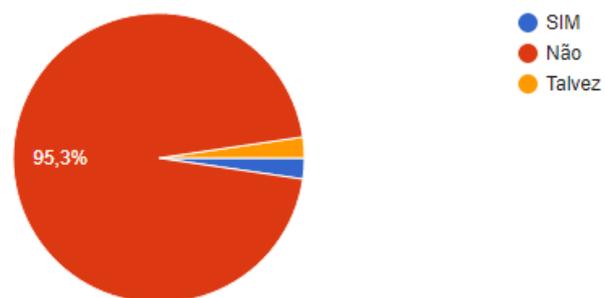


Obra 3: Avestruzes Bailarinas (1995) da artista Paula Rego:



Você conhece a artista por trás dessa obra?

43 respostas

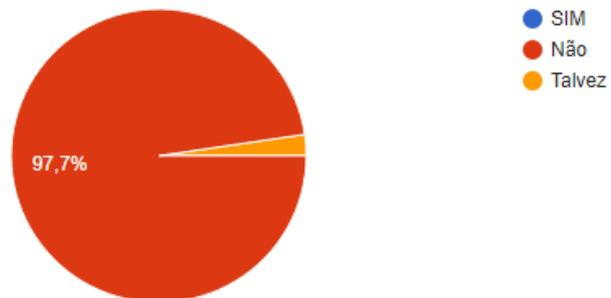


Obra 4: Oferenda (1957) da artista Leonora Carrington:



Você conhece a artista por trás dessa obra?

43 respostas

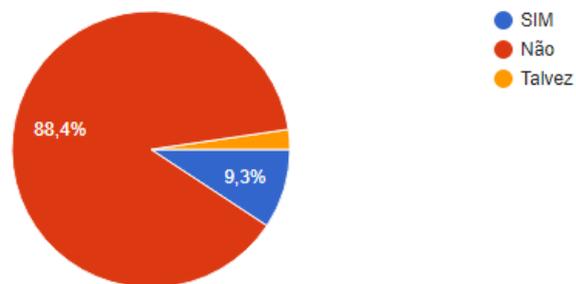


Obra 5: Mãe alimentando a criança (1898) da artista Mary Cassatt:



Você conhece a artista por trás dessa obra?

43 respostas

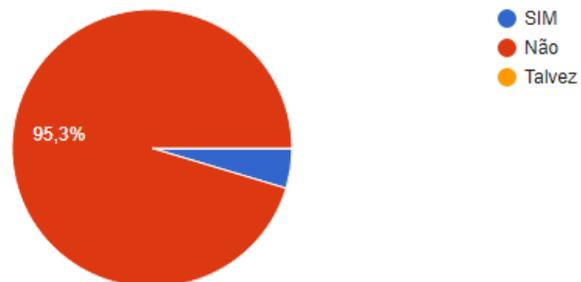


- Obra 6: O jogo de xadrez (1555) da artista Sofonisba Anguissola:



Você conhece a artista por trás dessa obra?

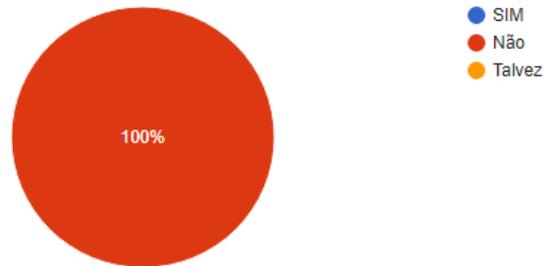
43 respostas



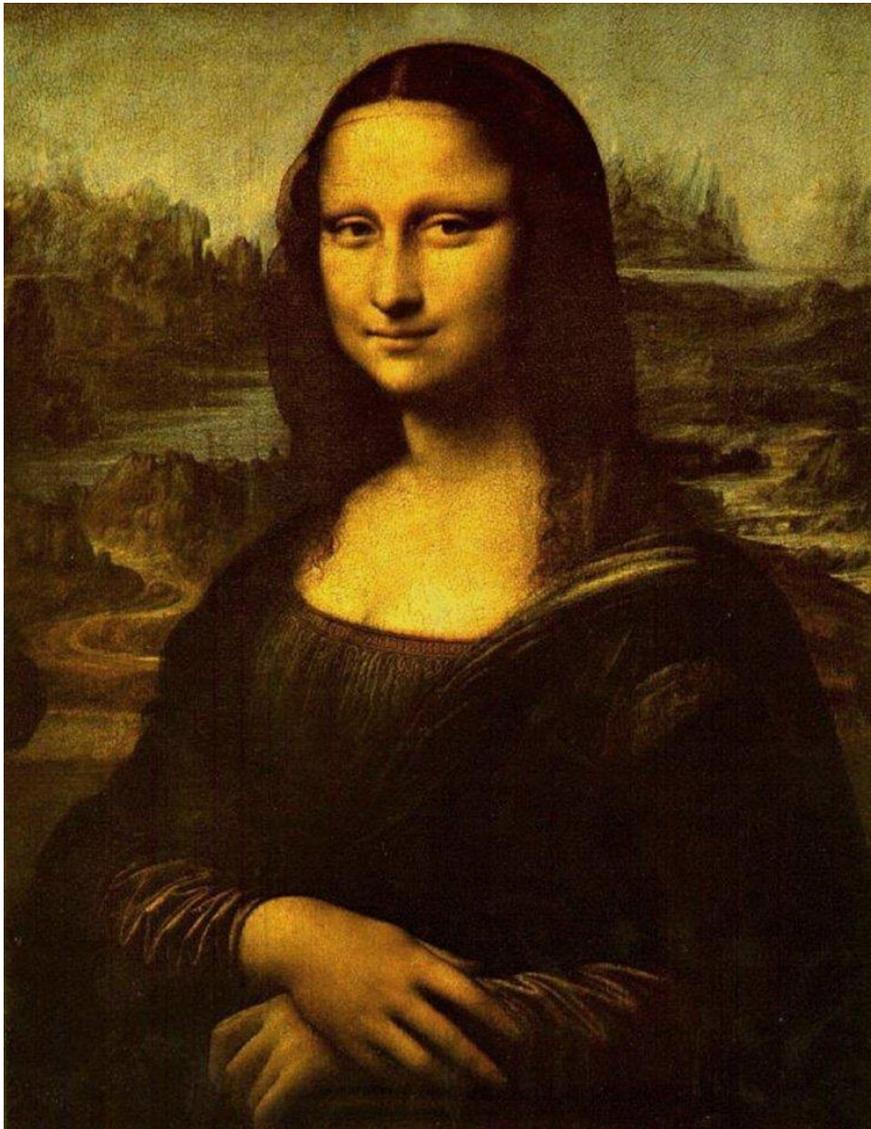
- A nona pergunta da pesquisa se referia também a obra: O jogo de xadrez (1555) da artista Sofonisba Anguissola:

Você sabia que a artista dessa pintura abaixo, foi a primeira mulher a ganhar fama no período Renascentista, assim como os ditos "grandes mestres"?

43 respostas

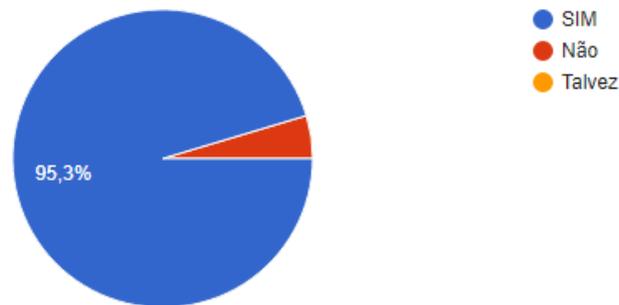


- Obra 7: Mona Lisa (1503) do artista Leonardo da Vinci:



Você conhece o artista por trás dessa obra?

43 respostas



O objetivo da pesquisa apresentada foi para demonstrar a conclusão desse trabalho referente à representatividade feminina na arte e a sua abordagem na educação, visando que os entrevistados que participaram possuem níveis de escolaridades diferentes, entre ensino fundamental até nível de formação superior também em Artes Visuais, concluindo assim os dados apresentados nesse trabalho que demonstram a importância de levar as obras de mulheres artistas e a representatividade feminina como protagonista, que não tiveram suas obras estampadas nos livros e não possuem o status que as grandes obras de retratos femininos pintadas por homens possuem e perduram por séculos de história, portanto levando-as as inúmeras mulheres artistas para a aprendizagem e o conhecimento dos alunos na educação básica e superior, em busca de que esses gráficos ao longo dos tempos de forma igualitária se modifiquem e possamos assim, como todas as batalhas de conquistas das mulheres no decorrer da história, se façam mais presentes com suas memórias.

## REFERÊNCIAS

Livro: Tudo sobre Arte - Stephen Farthing

Livro: A criação do Patriarcado – Gerda Lerner, disponível em < [A Criacao do Patriarcado - Gerda Lerner.pdf](#) > Acesso em: 15 MARÇO DE 2021.

Artigo “Por que não houve grandes mulheres artistas?” 1971, publicado na revista ArtNews por Linda Nochlim – disponível em < [linda nochlim.pdf](#) > Acesso em: 07 MARÇO DE 2021.

BITTELBRUN, Gabrielle Vivian. “Corpografias do feminino e formas de resistência na literatura e na arte: entrevista com Ana Gabriela Macedo”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 1, e57099, 2020. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2020000100401](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2020000100401) > Acesso em: 26 MARÇO DE 2021.

Obra Guerrilla Girls disponível em: < <https://www.artgallery.nsw.gov.au/collection/works/22.2019.8/> > acesso em 11 de ABRIL, 2021.

Obra Diva por Juliana Notari disponível em: < <https://www.juliananotari.com/> > acesso em 21 de ABRIL, 2021.

Obra Mona Lisa disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Mona\\_Lisa](https://pt.wikipedia.org/wiki/Mona_Lisa) > acesso em 12 de Junho de 2021.

Obra O jogo de xadrez disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_partida\\_de\\_xadrez\\_\(Sofonisba\\_Anguissola\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_partida_de_xadrez_(Sofonisba_Anguissola)) > acesso em 12 de Junho de 2021.

Obra Avestruzes Bailarinas disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Paula\\_Rego](https://pt.wikipedia.org/wiki/Paula_Rego) > acesso em 12 de Junho de 2021.

Obra Mãe alimentando criança disponível em: < <https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Mary-Cassatt/630785/M%C3%A3e-alimentando-crian%C3%A7a,-1898.html> > acesso em 12 de Junho de 2021.

Obra Oferenda disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Leonora\\_Carrington](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leonora_Carrington) > acesso em 12 de Junho de 2021.

Obra Judite decapitando Holofernes disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Judite\\_decapitando\\_Holofernes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Judite_decapitando_Holofernes) > acesso em 12 de Junho de 2021.

Obra Staffelsee disponível em: < <https://g.co/kgs/omdGZz> > acesso em 12 de Junho de 2021.

